Aveiro, 13 de Outubro de 1962 * Ano IX * N.º 416

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

Quando, em 9 de Outubro de 1954, apareceu o *Litoral* por estas terras aveirenses de tão raras e prestigiosas tradições no jornalismo, alguém lhe vaticinou uma duração de apenas algumas semanas, no máximo — concedeu-se optimistamente — de alguns meses.

Afinal, com o presente número, entra a folha no seu nono ano de vida. Poderíamos, legìtimamente, sorrir agora, com olímpica sobranceria, aos desacreditados augures; mas a verdade é que, não tomando o tempo como única medida de merecimento, mais nos importa e preocupa a *qualidade*, único factor que plenamente autorizará a nossa persistência. E a *qualidade*, essa, não é mais ainda do que esperança do muito que ambicionámos desde a primeira hora.

Um dia ela virá — e então sorriremos...

...E então poderemos — só então — retribuir, com moeda forte, o carinho, que tanto nos penhora, generosamente dispensado por quem nos lê, por quem nos tem honrado com o prestígio da sua pena, por quem nos tem ajudado com outros vários testemunhos de boa-vontade.

Se, porém, mais não

Continua na página 4

Um artigo de EDUARDO CERQUEIRA

JOSÉ ESTÊVÃO e RODRIGUES SAMPAIO

No confronto com o orador que foi o de maior projecção no seu tempo, José Estêvão, como jornalista, apesar de terem ficado memoráveis alguns dos seus artigos, quer de doutrina e combate, quer de feição satírica ou fúnebre, ficou naturalmente, ainda que não muito justamente, ofuscado. Esse tribuno dotado de todos os melhores requisitos para a sua arte — a figura, a voz, o gesto, o fluido que se comunica e enleva e domina os auditórios, a imaginação e a fluência, a sinceridade e o entusiasmo — nunca pôde dispensar-se da convivência com o público através da letra impressa.

Com pouco mais de vinte anos, sucede a Soriano como redactor da «Crónica da Terceira», e, em 1838, com Manuel António de Vasconcelos, fundou, em Lisboa, o «Tempo», cujo artigo de apresentação é de sua autoria e onde versou, em especial, os problemas económicos e financeiros da época. Porque esse jornal foi de efémera duração, é no «Atleta», do Porto, que publica a sensacional sátira política, alusiva à formação do governo Bonfim-Rodrigo da Fonseca Magalhães, «O Baptizado do Ministério» «(Carta do compadre de Lisboa)», que o jornal lisboeta a «Lança» divulgou na capital e alcançou excepcional repercussão.

José Estêvão que, repetimos, sempre sentiu necessidade de um órgão de imprensa — e, mesmo na sua terra natal, depois de ter cessado a sua colaboração no «Campeão do Vouga», por incompatibilidade surgida com o respectivo proprietário, viria a fundar o «Distrito de Aveiro», — faz sair, em 22 de Junho de 1840, na dedicadíssima e quase inseparável companhia do amigo de infância e eminente aveirense Manuel José Mendes Leite, a famosa «Revolução de Setembro». Na autoria dos artigos políticos, evidentemente os de maior responsabilidade, alternavam-se, por assim dizer, os dois conterrâneos. Mendes Leite escrevia-os; José Estêvão ditava os seus. Porque este jornalista, que foi dos mais vigorosos e fulgurantes daqueles agitados tempos, não sabia escrever. «Ele próprio — escreveu Bulhão Pato e poderia talvez como ninguém testemunhá-lo Eduardo Coelho, fundador do «Diário de Notícias», que foi secretário do grande tribuno liberal—desconhecia os sinais cabalísticos a que cha-

Continua na página 5

PROBLEMAS DO SAL

No seu número de 15 de Setembro, *O Figueirense* transcreveu do *Litoral* um artigo sobre os problemas salineiros; logo no número imediato, porém, explicou que o fizera a pedido do sr. Dr. João Bagão e que não o teria feito se houvesse analisado o artigo mais atentamente, dadas «algumas afirmações», dele constantes, «referentes ao Grémio da Lavoura da Figueira».

Prometeu então publicar sobre o assunto uma «nota informativa» do presidente da Direcção daquele Grémio, sr. Dr. Alberto F. Borges, e isso fez no seu número de 29 de Setembro.

Tudo nos obriga a alguns esclarecimentos.

★

As afirmações do *Litoral* eram as seguintes: «/.../ Em Aveiro e na Figueira da Foz — dois salgados afins e, pelas suas características, muito diferentes dos restantes salgados do País — existem, junto dos respectivos Grémios da Lavoura, Secções Diferenciadas do Sal. A experiência mostra que, enquanto em Aveiro se tem realizado uma obra notável em defesa dos legítimos interesses da produção, na Figueira da Foz tem-se procurado, sistemàticamente, prejudicar a produção salineira, em benefício imerecido de outros interesses. Isto revela que as Secções Diferenciadas só poderão realizar obra útil quando organizadas em moldes convenientes e dirigidas pelos produtores salineiros mais aptos a estudar os problemas e a propor as suas justas soluções. Trabalha-se nesse sentido, procurando transformar as Secções Diferenciadas do Sal dos Grémios da Lavoura em organizações quanto possível autónomas, verdadeiramente *diferenciadas* — organizações de sentido corporativo ou, talvez melhor, de estrutura cooperativa. /.../».

Isto considerou-o o sr. Dr. Alberto Borges «grave e ofensivo» para «as pessoas que dirigem a Secção Diferenciada do Sal do salgado da Figueira da Foz»; e isto o determinou a «advertir, prevenir e avisar»... «que há um indivíduo dotado de qualidades absolutamente desprezíveis, as quais se po-

Continua na página 2

SENTINELAS
Foto do Desembargador MELLO FREITAS

Um Crítico no Banco dos Réus

Se me pedissem para dizer, numa palavra, o que é a crítica, eu diria, como do existencialismo disse o existencialista Marcel a sua velha criada: «Mais je ne sais pas!...»

É que tantos são os métodos de criticar e os sistemas que os facultam, que se me perguntassem o que é um crítico eu já poderia dizer, parafrascando Flaubert: «Le critique... c'est moi»!... Crítico, toda a «gente» o pode ser! Tal facto, porém, só agrava a questão: «mas que é a crítica?» Todavia passemos a um caso concreto e deixemos este problema de estudar a crítica, **consciência** *do* **acto literário, compreensão criadora** *da* **fenomenologia da palavra,** *problema sem dúvida fundamental pois, como queria Paulhan, «só uma crítica da crítica pode assegurar seu verdadeiro fundamento.»*

Continua na última página

Artigo de MÁRIO DA ROCHA

PROBLEMAS DO SAL

Continuação da primeira página

dem provar no tribunal se for preciso, que anda empenhado em desagregar e desconjuntar a Secção Diferenciada do Sal que funciona no Grémio da Lavoura» da Figueira.

As afirmações do *Litoral* eram muito claras e não feriam a dignidade de ninguém: significavam que, por deficiência de organização e por incompetência, aquela Secção Diferenciada tem causado sérios prejuízos à produção salineira, em proveito imerecido do comércio.

Poderia o *Litoral* estar mal informado e serem, por isso, inexactas as suas afirmações?

— O que, então, se imporia era que se lhe pedisse a prova delas ou que, desde logo, se demonstrasse serem inexactas.

Não o fizeram *O Figueirense* nem o sr. Dr. Alberto Borges: aquele, limitou-se a dizer que não teria transcrito o artigo do *Litoral* se o houvesse examinado com mais atenção; este, aproveitou o ensejo para disparatar, insinuar e ofender um produtor salineiro da Figueira da Foz, cujo nome omitiu, mas que supomos ser... exactamente aquele que mais respeito, consideração e reconhecimento merece pela sua probidade e pelo seu trabalho infatigável na organização da produção e na defesa dos seus legítimos interesses!

Sem curar de saber se as afirmações do *Litoral* eram ou não fundamentadas, *O Figueirense* mostrou-se arrependido por havê-las transcrito; mas não teve dúvidas em publicar a deplorável «nota informativa» do sr. Dr. Alberto Borges.

Não esquecemos que *O Figueirense* é quem manda em sua casa; mas o nosso prezado colega há-de permitir que lhe manifestemos a nossa estranheza pela sua atitude.

*

Referindo-se ao *Litoral*, o sr. Dr. Alberto Borges escreve: «Já por várias vezes o periódico de Aveiro donde se transcreve a local em questão se tem feito eco de palavras ofensivas para a Direcção da Secção Diferenciada do Sal do nosso Grémio da Lavoura, mas porque as palavras que se publicam no dito periódico em nada têm vindo afectar a situação da Secção Diferenciada, por tal motivo e por aversão a polémicas jornalísticas, que tiram tempo e não resolvem os problemas quotidianos da vida social, não se lhes tem atribuído valor, nem prestado atenção. E se não fosse a inadvertida publicação de tão desageitadas (*sic*) palavras neste periódico tudo continuaria como dantes».

Admitamos, por hipótese, que o *Litoral*, em anteriores artigos, «se tem feito eco de palavras ofensivas para a Direcção da Secção Diferenciada do Sal» do Grémio da Lavoura da Figueira. Em tal caso, seria dever indeclinável do seu presidente chamar a atenção deste semanário para as «palavras ofensivas» de que se tivesse «feito eco». O *Litoral*, que sempre procura tratar os problemas sem agravos imerecidos seja para quem for, teria muito prazer em corrigir qualquer indesejada inexactidão ou em apresentar as suas desculpas por qualquer involuntária ofensa.

Nem isso importaria polémica jornalística (e há polémicas jornalísticas que conduzem ao esclarecimento e à solução de muitos problemas), nem o tempo gasto a emendar erros ou a reparar agravos é tempo perdido (pois é, antes, obrigação de quem sabe respeitar a verdade e prezar a dignidade própria e a alheia).

Parece, todavia, que o sr. Dr. Alberto Borges não se molesta com quaisquer «palavras ofensivas» publicadas no *Litoral* (ele não lhes atribui valor nem lhes presta atenção)... salvo quando são inadvertidamente transcritas em *O Figueirense!*

Abstemo-nos de apreciar o problema da virulência das «palavras ofensivas» (e da receptividade das pessoas a que respeitam) em função... dos títulos dos jornais que as publicam. Simplesmente queremos significar ao sr. Dr. Alberto Borges que nas palavras do *Litoral*, reproduzidas em *O Figueirense* (n.º 3386), não há qualquer ofensa (e muito menos qualquer propósito de ofensa) para a Direcção da Secção Diferenciada do Sal do Grémio da Lavoura da Figueira da Foz.

Pelas informações que lhe têm sido prestadas e pelos factos que conhece, o *Litoral* está convencido de que aquela Secção Diferenciada tem causado vultuosos prejuízos à produção salineira. Isto, segundo a convicção fundamentada do *Litoral*, resulta de duas circunstâncias: dos *defeitos orgânicos* das Secções Diferenciadas (não inteiramente nem principalmente imputáveis aos que as dirigem) e da *incompetência* dos que se encontram à frente da Secção Diferenciada da Figueira e, determinadamente, do seu presidente.

Mas dizer que um médico distintíssimo (como supomos ser o sr. Dr. Alberto Borges) não percebe nada de problemas salineiros, sendo, por isso, incompetente para dirigir uma Secção Diferenciada do Sal, não envolve a mais leve sombra de ofensa ou de simples desconsideração.

Dado este esclarecimento, o sr. Dr. Alberto Borges há-de consentir que, muito respeitosamente, o consideremos incapaz de governar com acerto a Secção Diferenciada em que pontifica; e isso não nos é indiferente, já que da sua incompetência (bem comprovada através de inúmeros factos que estamos habilitados a enumerar) têm derivado sérios prejuízos tanto para os produtores do Salgado da Figueira da Foz como para os do Salgado de Aveiro.

Se, no que respeita à actualização dos preços, a Secção Diferenciada da Figueira tivesse procedido com o conhecimento de causa, a ponderação e a firmeza da Secção Diferenciada de Aveiro (ou se, quando menos, tivesse sabido cumprir o Regulamento aprovado por despacho ministerial de 30-3-1954 e impedir os levantamentos extemporâneos e desnecessários do produto), estamos seguros de que há muito teria sido feita aos produtores dos dois salgados a justiça que tão longamente lhes foi negada *e lhes acarretou prejuízos no montante de alguns milhares de contos.*

Só no ano passado, suposto que a produção foi na Figueira de cerca de 30 000 toneladas e em Aveiro de cerca de 55 000 toneladas (e não andaremos muito longe da verdade) os produtores salineiros da Figueira receberam *menos 1 350 000$00* e os de Aveiro receberam *menos 2 475 000$00* do que podiam e deviam ter recebido!

*

A «nota» do sr. Dr. Alberto Borges corrobora o que acabamos de escrever relativamente à sua incompetência *na matéria*: qualquer pessoa suficientemente conhecedora dos problemas salineiros ficará, sem dúvida, apavorada com a inconsciência das afirmações ali feitas.

Não nos aflige que o sr. Dr. Alberto Borges nos inclua no rol dos «mal avisados jornalistas» que julgam possível, não a absoluta *independência* das Secções Diferenciadas do Sal dentro dos Grémios da Lavoura (o que, de resto, não seria inexequível), mas, como no *Litoral* se disse, a transformação daquelas «em organizações *quanto possível autónomas*, verdadeiramente *diferenciadas*». E também não nos aflige que o sr. Dr. Alberto Borges suponha termos defendido um «regime de cooperativa autónoma», quando (aliás só por bem acautelados contra o lamentável individualismo de muitos) o que claramente defendemos foi, nos termos expostos, uma organização «de *sentido* corporativo ou, talvez melhor, de *estrutura* cooperativa».

O que escrevemos é, como se vê, muito diverso do que se nos atribui; mas é evidente que, tendo-nos saído as palavras «desageitadas» (*sic*), somos obrigados a uma infinita indulgência para os que revelam não ter sabido entendê-las.

Em boa verdade, o que nos aflige é que o sr. Dr. Alberto Borges tenha publicado nas colunas de *O Figueirense*, em períodos de uma confusão babilónica, disparates inconcebíveis, insinuações deploráveis e ofensas gravíssimas. E isto porque tal procedimento só serve para gerar equívocos e suscitar animosidades, mais ainda dificultando a solução de problemas importantes que reclamam o concurso de todos os que possam esclarecê-los.

Escreve o sr. Dr. Alberto Borges (e desde já garantimos a fidelidade da transcrição): «... o valor de uma mercadoria não se estabelece segundo o valor que o produtor lhe atribui. E isto tanto diz respeito ao sal como a qualquer outro produto. Que necessidade de auxílio tem, portanto, a Secção Diferenciada de Aveiro, do auxílio da Secção da Figueira? Estes dois salgados viveram sempre separados e distanciados um do outro por a produção de Aveiro ser muito mais importante, e por isso desnecessário se torna o auxílio estranho. E como a questão do preço é que leva os homens a situações rastejantes e ambíguas com mira na ganância, que é qualidade que provoca em muitos deles reacções de temperamento e de personalidade que tornam o indivíduo repulsivo».

Desta trapalhada, que ninguém saberá compreender, colhe-se, todavia, que o sr. Dr. Alberto Borges julga desnecessário o entendimento dos salgados de Aveiro e da Figueira para o estudo dos problemas da produção e da comercialização do sal!

E' muito de confranger que o presidente de uma Secção Diferenciada ouse vir a público proclamar a desnecessidade de uma colaboração sabidamente imprescindível.

Aqui lhe lembramos que os problemas salineiros têm de ser apreciados e resolvidos em atenção às condições dos diversos salgados do País e às superiores exigências do interesse nacional — o que postula uma cooperação a que o sr. Dr. Alberto Borges se tem, infelizmente, furtado.

Ainda há pouco, houve por bem não fornecer elementos necessários, relativos ao Salgado da Figueira da Foz, que lhe foram pedidos pelo ilustre representante dos Grémios da Lavoura (com interesses nos salgados ao norte do Tejo) junto da Comissão para o Estudo da Reorganização da Produção do Sal!

E tão longe o sr. Dr. Alberto Borges se permitiu levar as suas desatenções, que aquela Comissão, ao ter de reunir na Figueira da Foz, resolveu fazê-lo fora do Grémio da Lavoura e prescindir da presença do seu presidente ou de qualquer representante da Secção Diferenciada!

*

Continua o sr. Dr. Alberto Borges: «Por outro lado o movimento ascensional das regalias que o pessoal serventuário tenha de obter, há-de ser feito por certo à custa do valor da mercadoria, mas essa valorização há-de ter uma oportunidade que há-de andar em paralelo com outras mercadorias do mesmo escalão da produção. Tal movimento ascensional das regalias não é com certeza o objectivo mais premente da campanha que se desenvolve. E' que essas reivindicações sociais têm dois caminhos: um pode seguir imediatamente à generosidade patronal, o outro pelas reivindicações do pessoal, que se pode fazer sentir em qualquer momento. Como o salgado de Aveiro é muito mais rico, vamos a ver quem serão os patrões suficientemente generosos para pôr em prática tal movimento. E' isso de que ficamos à espera de ver realizado, e verá o senhor jornalista que a Figueira não lhe fica muito tempo atrás».

O *Litoral* tem desenvolvido uma honesta campanha a favor dos legítimos interesses da produção salineira — e, muito especialmente, a favor dos pobres marnotos, tão duramente e tão injustamente sacrificados. O sr. Dr. Alberto Borges, em vez de agradecê-la (pois com ela tem lucrado a produção salineira da Figueira da Foz), permite-se a insinuação que aí fica reproduzida!

Generosamente, não o emprazamos a declarar, sem subterfúgios, qual é «o objectivo mais premente» que nos propomos. Estimaríamos, porém, que o sr. Dr. Alberto Borges compreendesse que o justo preço do sal resulta, *ùnicamente*, do custo da produção (que importa fazer baixar quanto possível) e dos resultados das safras (que essencialmente dependem das vicissitudes do tempo). E estimaríamos que o sr. Dr. Alberto Borges compreendesse que as «regalias» do pessoal serventuário são *um direito* (conquistado com o seu penoso trabalho) que deve reconhecer-se e garantir-se independentemente de quaisquer generosidades dos proprietários (pois isso seria pôr a caridade no lugar da justiça) ou de quaisquer reivindicações dos marnotos (pois isso poderia conduzir a extremos indesejáveis).

Estabelecido para o sal um preço suficientemente remunerador do *capital* e do *trabalho* — um preço justo e, para o ser, constantemente actualizado — as «regalias» dos marnotos hão-de obter-se e garantir-se através de uma bem estruturada organização de previdência.

Muito sentimos que, quando em Aveiro se procura trilhar este recto caminho, na Figueira da Foz se julgue ainda possível chegar à desejada meta palmilhando os atalhos... da *caridade* dos patrões ou das *exigências* do pessoal serventuário!

*

Apesar de tudo, o sr. Dr. Alberto Borges declara que os produtores salineiros da Figueira da Foz «se encontram satisfeitos» (do que nos permitimos duvidar...) com a actuação dos que dirigem e orientam a Secção Diferenciada do Sal.

E pergunta mesmo «se no decurso do já longo período de nove anos alguém tem sido prejudicado por negligência, descuido ou favoritismo da direcção?».

Pedimos licença para responder.

O *Litoral* não crê (e antes repele) que a Direcção da Secção Diferenciada do Sal do Grémio da Lavoura da Figueira da Foz tenha, «*por favoritismo*», causado prejuízos seja a quem for; mas está muito convencido (para não dizer muito seguro) de que, «*por negligência*» e *por* «*descuido*», tem causado gravíssimos prejuízos aos produtores salineiros da Figueira da Foz e de Aveiro.

Por negligência, por descuido e também (sem a mínima ofensa para a dignidade das pessoas) *por incompetência* — agora cabalmente reafirmada na «nota informativa» do sr. Dr. Alberto Borges.

Em nosso entender, os que dirigem e orientam a Secção Diferenciada do Sal do Grémio da Lavoura da Figueira da Foz podem e devem prestar-lhe *um altíssimo serviço*: abandonar os seus lugares aos produtores salineiros *que se tenham revelado mais aptos para ocupá-los.*

O *Litoral* lhes renderia, por essa nobre e proveitosa atitude, os mais fartos louvores.

Taça de Portugal

A Taça prosseguiu. No domingo, com o Porto a decidir, em Leiria, numa *negra*, o seu empate com o Vitória de Setúbal (os nortenhos ganharam por 4-1), principiou já a segunda eliminatória da prova, com os seguintes desfechos apurados nas partidas da primeira *mão*:

Portimonense, 2 - Atlético, 0
Olhanense, 0 - Belenenses, 0
Leixões, 3 - C. U. F., 1
Varzim, 1 - Marinhense, 2
Sporting, 9 - Cova da Piedade, 0
Seixal, 3 - Beira-Mar, 0
Alhandra, 3 - Castelo Branco, 1
Lusitano, 1 - Benfica, 3
Sacavenense, 0 - Académica, 1

A completar a presente lista, tivemos, na quarta-feira, mais um jogo, que finalizou assim:

Feirense, 0 - Porto, 6

A ronda proporcionou três surpresas de tomo: as derrotas do Atlético, do Varzim e do Beira-Mar. A dos alcantarenses, porque, mesmo como visitantes, eram tidos por favoritos quase incondicionalmente; a dos poveiros, porque a sua turma se tinha evidenciado sobremaneira nos anteriores desafios, credenciando-se de forma a não restarem dúvidas sobre o seu valor; e por fim, a dos aveirenses, porque a turma cedeu por margem de todo em todo imprevisível.

Nos restantes prélios, houve perfeita e total normalidade.

Amanhã disputam-se os jogos correspondentes à segunda *mão*, sendo visitadas as turmas que primeiro se deslocaram.

Há algumas dúvidas a resolver, como poderá concluir-se dos desfechos indicados e do natural desejo de rectificação dos clubes que foram derrotados ou (caso do Belenenses) lograram não perder na saída inaugural.

Deitando-nos a fazer vaticínios, acreditamos em que Marinhense, Sporting, Benfica, Académica e Porto voltam a ganhar e passam, sem contrariedades, à fase seguinte, acompanhados pelo Belenenses, que vencerá a turma algarvia de Olhão. Outro grupo que nos palpita ter o apuramento à sua mercê é o Atlético — a quem reconhecemos capacidade para se *vingar* do seu inêxito de Portimão, apesar da réplica firme que os barlaventinos lhe irão opor.

Mas *vinganças* à vista: como palcos, duas cidades beirãs — Castelo Branco e Aveiro. Os albicastrenses, ante o Alhandra, podem bem forçar a necessidade de um terceiro jogo. Finalmente, temos para os beiramarenses a tarefa mais árdua da ronda: diante do Seixal, a turma necessita de anular a considerável diferença de três golos.

O grupo está moralizado e disposto a demonstrar que o *score* de domingo foi um mero acidente. O ensejo é propício a evidenciar as reais possibilidades da turma negro-amarela — em que depositamos fundadas esperanças. Importa, porém, que o público saiba acarinhar e apoiar os atletas — e ideal será que as condições do tempo não venham criar mais óbices, mais contrariedades, ao Beira-Mar e, também, ao próprio jogo.

Não há, de resto, razão para se descrer das muitas *chances* dos aveirenses — que tanto podem resolver desde logo o problema como forçar a realização de uma *negra* para desempate. Na verdade, e sem o intuito de menosprezar o valor do grupo sulista, se o Seixal conseguiu marcar três golos em vinte minutos e ganhar, assim, com pleno merecimento, o Beira-Mar dispõe agora de noventa minutos para, pelo menos, obter o mesmo número de golos... E, quanto a nós, a questão está apenas na altura em que se iniciar a contagem...

Aguardemos e confiemos, portanto, na certeza de que amanhã, em Aveiro, a Taça de Portugal vai ter uma jornada em cheio!

3 "free-kicks", 3 golos!...

SEIXAL, 3 BEIRA-MAR, 0

Jogo no Campo do Bravo, no Seixal, sob arbitragem do sr. Anacleto Gomes, de Lisboa.

SEIXAL — Nogueira; Mendes, Lenine e Hermenegildo; Aniceto e Oñore; Picareta, Necas, Cambalacho, Serra Coelho e Carvalho.

BEIRA-MAR — Alves Pereira; Valente, Liberol e Moreira; Brandão e Laranjeira; Miguel, Cardoso, Teixeira, Chaves e Romeu.

●

Marcadores — PICARETA, aos 63 e aos 67 m., e CAMBALACHO, aos 80 m. — ambos pelo Seixal.

●

Este primeiro encontro entre o Seixal e o Beira-Mar não deixou, de modo algum, saudades à equipa aveirense. À equipa, e, diga-se ainda, aos simpatizantes que a acompanharam.

O desafio teve duas partes distintas: no primeiro tempo, os aveirenses exibiram um futebol sereno, mesmo muito calmo, mas consciente.

A defesa beiramarense dominava qualquer iniciativa dos homens do Seixal e os médios exibiam-se em bom plano, um mais sobre à defesa (Laranjeira) e outro apoiando o ataque (Brandão), tomando este ainda a iniciativa de se incorporar algumas vezes na linha dianteira.

Os atacantes é que nem sempre corresponderam ao que seria justo aguardar. Desenharam bonitas jogadas, tiveram boas trocas de bola, mas não souberam ganhar. Ao bom futebol associaram demasiada lentidão, um excesso de confiança condenável e finalizaram quase sempre de fora da área, dando assim todos os trunfos à defesa contrária. Os extremos meteram-se demasiado no centro do terreno, «afunilando» sistemàticamente o jogo. Este foi, talvez, o maior senão do primeiro tempo, e Romeu usou e abusou do processo.

Na segunda parte, o encontro foi diferente.

Jogou-se mais rápido, mais duro e bastante pior.

Ambas as equipas procuravam o golo. Os aveirenses rectificaram posições, abrindo a linha da frente em toda a largura do terreno e jogando «com pressa» na defesa; e, por ironia destino — não fosse tudo isto futebol! — esta pressa, esta urgência em chegar primeiro à bola, levou os beiramarenses a uma precipitação que acabou por lhes ser fatal: teimavam, na posse do esférico, quer em jogadas perigosas ou inocentes, com rudeza ou sem ela. E da pressa, da urgência e da precipitação nasceram livres de que resultaram os golos seixalenses...

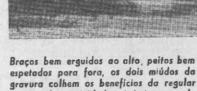
Quando os beiramarenses quiseram vencer o encontro é que o perderam, desperdiçando uma primeira parte — toda inteirinha — em que os seus antagonistas mostraram, claramente, quer pelo jogo quer pela disposição táctica, que só desejavam perder por poucos, ou conservar o empate... Realmente, perder assim custa muito.

O Seixal, muito embora vencendo por três bolas, mostrou-se uma equipa muito vulgar. Defendeu-se regularmente, com o ferrolho, e foi uma turma feliz. Neste encontro, não valeu por mais nada.

Conhecemos as dificuldades de recuperar três bolas, e antevemos que no jogo em Aveiro utilizará o Seixal uma super-defesa; mas, mesmo assim, pelo que mostrou no domingo (e se vale só isso) acreditamos no total recuperação do Beira-Mar, ou, pelo menos, num terceiro jogo.

E nisto não tenhamos qualquer dúvida na vantagem do Beira-Mar, que, muito embora tem sido batido, mostrou ser muito mais equipa.

Sobre a arbitragem, melhor será nem falar. «Caseira» sob todos os pontos de vista. Invalidou aos aveirenses um golo, autêntico em qualquer

Continua na página 4

Braços bem erguidos ao alto, peitos bem espetados para fora, os dois miúdos da gravura colhem os benefícios da regular prática das actividades ginásticas — pelo que, amanhã serão homens mais fortes e mais saudáveis.

GINÁSTICA

E estes miúdos, pletóricos de vigor físico e de alegria de viver, são a melhor legenda que poderíamos encontrar agora, ao pretender referir de novo que o Sporting de Aveiro vai iniciar, na próxima segunda-feira, dia 15, mais um ano de actividade dos seus cursos de educação física e de ginástica.

O Clube prossegue — devotadamente e sacrificadamente — numa senda a todos os títulos louvável. Resta saber se os aveirenses saberão e quererão percorrer o recto e salutar caminho que assim lhes é indicado e oferecido.

Xadrez de Notícias

Aveiro passou, agora, a ter três equipas de árbitros de futebol classificadas para dirigir jogos da I Divisão: A - Edmundo de Carvalho, Henrique Silva Costa e Jorge da Silva; B - José Porfírio, José dos Santos Pereira e Manuel Maria Valente; e C - Carlos Paula, Mário Pereira da Silva e Manuel da Silva Soares.

Esta última foi escolhida para o jogo Académica-Sacavenense, da jornada de amanhã da Taça de Portugal.

Em Aveiro, o prélio Beira-Mar-Seixal tem como árbitro o sr. Joaquim Campos, de Lisboa.

O Campeonato Regional de Basquetebol da I Divisão, que deveria começar hoje, à noite, só principiará no próximo sábado, dia 20.

O Campeonato Distrital da I Divisão (futebol) forneceu, no domingo, os desfechos a seguir indicados:

Cesarense, 2 - Recreio, 0; Anadia, 3 - Vista-Alegre, 0; Cucujães, 1 - Lusitânia, 1; Lamas, 2 - Paços de Brandão, 1; Bustelo, 2 - Estarreja, 4; Arrifanense, 2 - Ovarense, 0; e Esmoriz, 2 - Alba, 3.

O Lamas comanda, isolado, a tabela classificativa, com um ponto de vantagem do Cesarense.

Na prova de Reservas (futebol), a segunda ronda proporcionou estes resultados:

Cucujães, 0 - Lusitânia, 0; Arrifanense, 2 - Lamas, 4; e Valonguense, 2 - Recreio, 1.

Principia amanhã a disputar-se, com jogos às 10 horas, o Campeonato Distrital de Juniores, em futebol.

A ronda inaugural engloba os jogos Estarreja - Recreio, Beira-Mar-Anadia, Esmoriz-Ovarense, Sanjoanense-Lamas, Oliveirense-Feirense e Espinho-Lusitânia.

Em desafios particulares de futebol realizados no pretérito domingo, a Oliveirense empatou — 1-1 — em Vi-

Continua na página 4

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 5 DO TOTOBOLA ★

21 de Outubro de 1962

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Belenenses — Benfica			2
2	Lusitano — C. U. F.	1		
3	Barreirense-V. Setubal	1		
4	Guimarães — Leixões	1		
5	Boavista — Braga		x	
6	Beira-Mar — Covilhã	1		
7	Leça — Salgueiros		x	
8	Varzim — Oliveirense	1		
9	Oriental — Seixal		x	
10	Portalegr.se — Alhandra	1		
11	Peniche — Montijo	1		
12	Farense - Cova Piedade	1		
13	Torriense — Silves	1		

VIOLAS

A efectivação do jogo internacional de Portugal com a Bélgica assinalará um interregno nas provas oficiais de futebol no dia 4 de Novembro — data que o Beira-Mar reservou para uma homenagem justíssima ao seu dedicado atleta VIOLAS.

Na devida altura, daremos a conhecer o programa completo da festa que se projecta realizar no Estádio de Mário Duarte e será — estamos seguros — um êxito completo sobretudo como preito de reconhecimento e de simpatia dos desportistas de Aveiro por um brioso e correctíssimo futebolista que sempre honrou as cores do Beira-Mar, ajudando-o na conquista de muitos títulos regionais (como júnior e como sénior) e nacionais.

De momento apenas podemos referir que a festa incluirá dois desafios de futebol e uma parada atlética para que foram convidadas todas as colectividades do Distrito. No jogo de fundo, o Beira-Mar defronta um categorizado team da I Divisão.

HOMENAGEM JUSTÍSSIMA

PESCA

No dia primeiro de Novembro — Feriado Nacional — realiza-se um Concurso de Pesca entre desportistas que habitualmente frequentam o Café Gato Preto.

As inscrições encerram-se em 29 de Outubro corrente, estando em disputa valiosos prémios.

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

Xadrez de Notícias

Continuação da 3.ª página

seu, com o Académico, e o Espinho também se contentou com uma igualdade a uma bola ante o Vitória de Guimarães.

Amanhã, em Oliveira do Bairro, com início às 14 horas, realiza-se uma Gincana de Automóveis que promete ser concorridíssima e cujo rendimento de destina às obras da Pista da Bairrada.

No sábado, em desafio amigável de futebol realizado nesta cidade, entre actuais e antigos alunos do Liceu, o grupo da NOVA VAGA derrotou, por 6-1, a equipa da VELHA GUARDA.

FUTEBOL

Continuação da página 3

parte do mundo, havia cinco minutos de jogo. A bola tinha sido desviada por um adversário antes de chegar a Romeu, que fez o golo. Mas, caso curioso, nem a Imprensa da especialidade se referiu ao lance.

Que tristeza!...

F. E. Dias

Aceita-se Aterro

— num terreno sito no Viso, Esgueira, junto à loja do sr. Cardoso.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MOURA
Domingo	CENTRAL
2.ª feira	MODERNA
3.ª feira	A L A
4.ª feira	M. CALADO
5.ª feira	AVEIRENSE
6.ª feira	SAÚDE

A CIDADE

Abertura das aulas

● Escola Industrial e Comercial

Na Escola Técnica de Aveiro, a abertura das aulas realizou-se no dia 1 do corrente, com uma sessão solene efectuada no ginásio sob a presidência do seu Director, sr. Dr. Amadeu Cachim, ladeado pelos directores dos Cursos Comercial e Industrial e do Ciclo Preparatório.

Depois do Director da Escola ter apresentado cumprimentos de boas vindas aos professores, mestres e alunos e de ter incitado todos os estudantes que frequentam a Escola Industrial e Comercial a cumprirem os seus deveres escolares, usou da palavra o Professor de Moral Rev.º Padre António de Oliveira que dissertou sobre a missão da Escola e as vantagens que esta pode oferecer aos alunos que a frequentam.

● Este ano, estão matriculados neste estabelecimento de ensino 1 718 alunos — considerável acréscimo em relação ao ano transacto.

● Liceu

Também no dia primeiro, foram iniciados os trabalhos escolares do novo ano lectivo do Liceu Nacional de Aveiro.

Para o efeito, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o sr. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu, que dirigiu a usual saudação aos alunos, lembrando-lhes a necessidade de bem cumprirem os seus deveres de estudantes.

Foram depois entregues os prémios relativos ao ano lectivo transacto.

● No Liceu matricularam-se 1 330 alunos — mais 75 do que em 1961-1962.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 3 do corrente, procedente dos bancos da Terra Nova, entrou o navio *D. Denis*, com bacalhau fresco, e saiu, para o Douro, o *Praia da Saúde*, em lastro.

★ Em 4, vindo da Terra Nova, entrou o navio *S. Jacinto*, com bacalhau fresco.

★ Em 5, regressando dos bancos da Terra Nova, entraram, com bacalhau fresco, os navios *Lutador*, *Ilhavense*, *Novos Mares* e *S. Jorge*.

★ Em 6, entrou neste porto, procedente de Safi, com gesso, o l/motor *Jaime Silva*.

★ Em 8, de regresso dos bancos da Terra Nova, entrou neste porto o navio *Rio Antuã*, com bacalhau fresco.

★ Em 9, saiu o l/motor *Jaime Silva*, em lastro, para Lisboa.

Problemas do Sal

Foi-nos enviada, com pedido de publicação, a seguinte nota:

De acordo com a notícia publicada em 29 de Setembro último, informam-se os proprietários e marnotos do salgado de Aveiro interessados na homenagem às individualidades que mais acentuadamente contribuiram para o recente aumento do preço do sal na produção, que o jantar de confraternização se realiza efectivamente no próximo dia 20 do corrente mês, pelas 20 horas, no restaurante Galo de Ouro.

ANO IX

— Continuação da primeira página —

pudermos fazer de futuro, que todos aceitem, como único tributo por tantas deferências, aquela verticalidade que sempre foi nosso timbre — e que sempre será a *mesma verticalidade* — já que (perdoem-nos o orgulho com que o afirmamos) não poderá ser mais vertical.

Museu de Aveiro

No seu regresso da III Reunião dos Conservadores dos Museus e dos Palácios e Monumentos Nacionais, a que presidiu, visitou demoradamente o Museu de Aveiro o sr. Dr. João Couto, antigo e prestigioso Director do Museu Nacional de Arte Antiga.

O distinto visitante traduziu ao sr. Dr. António Manuel Gonçalves o mais expressivo aplauso pela notabilíssima obra ali realizada por aquele ilustre e dinâmico Director do nosso Museu.

I Festival-Concurso Folclórico do Distrito de Aveiro

Constituiu um assinalado êxito o anunciado festival folclórico levado a efeito na noite do último sábado no Pavilhão Desportivo do Beira-Mar em louvável iniciativa do Grupo Folclórico Tricanas de Aveiro.

Hoje, por falta de espaço, somos impedidos de fazer mais circunstânciada notícia do certame, que reuniu o valioso concurso de 10 concorrentes.

Novo Estabelecimento

O conhecido e competente massagista do Beira-Mar, sr. Francisco Vicente, abriu há pouco, na Rua dos Mercadores, em frente à Casa dos Jornais, um condigno estabelecimento de massagista e calista.

JURAMENTO de BANDEIRA

Na BASE AÉREA 7

Em 29 do mês findo, penúltimo sábado, de manhã, e como oportunamente aqui anunciámos, realizou-se em S. Jacinto a cerimónia do Juramento de Bandeira de 62 novos alunos-pilotos da Força Aérea, pertencentes ao Curso de Pilotagem P. 1.

Presidiu o Secretário de Estado da Aeronáutica, sr. Coronel-aviador Kaulza de Arriaga, e assistiram ao acto os srs.: 1.º Subchefe do Estado Maior e o Director dos Serviços de Recrutamento e Instrução da Força Aérea; Comandante Militar de Aveiro; Governador Civil substituto; Reitor do Seminário Diocesano, que representava o Vigário Capitular de Aveiro; e Tenente-coronel Alberto Lopes Marques, novo Comandante da Base Aérea 7, e os restantes oficiais da unidade.

No início das luzidas cerimónias, Mons. Aníbal Ramos celebrou missa campal, proferindo uma homilia no momento próprio.

Realizou-se depois o Juramento de Bandeira. Houve a leitura dos deveres militares, pelo sr. Tenente Sábio; uma expressiva alocução patriótica aos alunos, pelo sr. Alferes-piloto-aviador Aires da Cruz; e, por último, a leitura da fórmula do juramento, pelo sr. Capitão Domingos Belo.

Procedeu-se depois à bênção da nova capela da Base e a uma visita a todas as instalações da Unidade.

A festa culminou com um desfile aéreo e com voos de uma esquadrilha comandada pelo sr. Capitão Alves Pereira.

Por último, o sr. Secretário da Aeronáutica presidiu a um almoço na messe dos oficiais da Base.

Em INFANTARIA 10

Na manhã de domingo passado, efectuou-se, no Estádio de Mário Duarte, o Juramento de Bandeira de 1800 recrutas da terceira incorporação deste ano no Centro de Instrução Básica do Regimento de Infantaria 10.

A cerimónia foi presidida pelo Comandante Militar de Aveiro, sr. Coronel Álvaro Salgado, a ela assistindo ainda o Comandante do R. I. 10, sr. Coronel Evangelista Barreto, e a sua restante oficialidade, e alguns milhares de pessoas das famílias dos novos soldados.

Conduzida, em escolta, pelo porta-estandarte sr. Alferes Duarte de Almeida, a Bandeira Nacional foi apresentada aos recrutas em parada, alinhados em diversos pelotões pertencentes a quatro companhias, respectivamente comandadas pelos srs. Alferes Manuel Botelho, Capitão João Fernandes Ressurreição, Alferes Caboz Santana e Capitão Rui Mendonça Lameiras.

Presentes ainda uma companhia, de quatro pelotões, de soldados do quadro permanente, sob comando do sr. Capitão Alberto Marques Osório, e a charanga do Regimento.

Comandava todas as forças o sr. Major Narsélio Matias.

Após a continência à bandeira, o sr. Tenente Jaime Vieira Valentim procedeu à leitura dos deveres militares e o sr. Alferes-miliciano Soares Lopes proferiu uma patriótica alocução em que exortou os soldados a bem cumprirem os seus deveres de militares e portugueses.

Depois, o sr. Major Henrique Manuel da Cruz Antunes, 2.º Comandante do R. I. 10, leu a fórmula do Juramento — repetida em coro uníssono pelos recrutas.

Finalmente, trinta e um soldados foram galardoados com prémios, por se terem distinguido, durante a instrução, pelo comportamento ou pela capacidade militar que revelaram.

Terminada a cerimónia, houve um desfile das tropas para o Quartel de Sá através das principais artérias da cidade.

Nas gravuras

1 — Os alunos-pilotos que juraram Bandeira na Base Aérea 7

2 — O Secretário da Aeronáutica à sua chegada a S. Jacinto

3 — A apresentação da bandeira aos recrutas de Infantaria 10

4 — Um aspecto da formatura geral dos 1800 soldados do R. I. 10

Conservatório Regional de Aveiro

Cursos de Música

Informam-se os alunos dos Cursos de Música deste Conservatório de que, por motivo de obras na casa onde se vai instalar, as aulas só terão início, provávelmente, nos últimos dias do corrente mês ou em princípios de Novembro.

Os alunos não serão prejudicados nos seus estudos porque as aulas hão-de prolongar-se, no final do ano, por um periodo correspondente ao retardamento do seu início.

Oportunamente se indicará a data da abertura das aulas.

Curso de Francês

Realizam-se, hoje, as provas orais dos examinandos que fizeram a prova escrita no dia 6. As aulas começam no dia 17, com o seguinte horário, às quartas e sábados:

— às 17 horas — 1.º ano (turma dos principiantes) e 5.º ano (curso superior);

— às 18 horas — 1.º ano (turma dos alunos que já têm alguns conhecimentos) e 4.º ano;

— às 19 horas — 2.º e 3.º anos

Se algum dos candidatos à frequência não puder frequentar as aulas do ano em que se inscreveu, nas horas acima indicadas, pode ser-lhe facultada a assistência às do ano imediato.

Curso de Inglês

Ainda não está assegurado o funcionamento deste curso, apesar de todas as diligências feitas pelo Conservatório e da boa vontade do Instituto Britânico. Espera-se, contudo, que nos princípios de Novembro o assunto se encontre definitivamente resolvido.

José Estêvão e Rodrigues Sampaio

Continuação da primeira página

mam letras. Tinha um secretário, mas quando este lhe faltava, perguntava ao primeiro amigo que lhe aparecia:

« Sabes escrever? Não te escandalizes, porque eu não sei. Se sabes, faz-me o favor de escrever as tolices que vou ditar.

« Dava uma volta pela casa, depois parava diante do amanuense improvisado, e, erguendo o braço direito com o dedo indicador em pé, a primeira palavra que dizia era:

« — Ponto!

« Sem esse intróito nunca ditou coisa nenhuma».

Esse jornalista medularmente avesso à escrita, inteira negação de obediência às exigências da caligrafia, ditava artigos sobre artigos — mas algumas vezes, para tormento de tipógrafos com artes de decifração superiores às dos boticários, gatafunhava-os ele próprio. Anda citada, por exemplo, a *História das vinte e quatro horas*, «em que se sente o pulso de um lutador temível contra os chamados restauradores da Carta». E, noutro género, consideravam-se modelares «páginas das mais notáveis do jornalismo português, as suas comemorações fúnebres, principalmente de Anselmo Braamcamp, de Silva e Castro, de Leonel Tavares e do Duque de Terceira...» Esta última foi publicada em 1909, em apêndice aos *Discursos*, com as que consagrou, em periódicos aveirenses, a D. Maria II e D. Pedro V, mas, das restantes, mal se conhecem algumas curtas passagens.

Na ausênncia ou na impossibilidade de qualquer dos fundadores e orientadores do jornal, o fundista substituto era José Alexandre de Campos, colega de ambos na Câmara dos Deputados e militante do mesmo agrupamento político.

Ora, em princípios de Agosto de 1841, José Estêvão fora fazer uma cura de águas nas Caldas da Rainha, e Mendes Leite, fugindo à canicula da capital, ausentava-se com frequência, nesse período, para o Estoril. O substituto José Alexandre de Campos encontrava-sa pois em exercício. Simplesmente, porque soubera da vinda de Mendes Leite a Lisboa, no dia 15 daquele mês, considerou-se desobrigado de escrever o artigo de fundo. A seu turno, aquele, que já de si cabulava sempre que o ensejo era propício, só entrou na redacção, de volta de um baile, por volta das duas da madrugada. Faltava, pois, àquela hora o artigo principal — o prato de resistência do periódico. Da tipografia solicitavam-no insistentemente e com urgência. O velho e devotado amigo de José Estêvão, fatigado, sonolento, bastante à sobreposse, porque a necessidade era imperiosa e indeclinável, tomou da pena para escrever. Ao lado, com a placidez que era peculiar a esse que viria a ser o tão vigoroso e intrépido panfletário do «Espectro», António Rodrigues Sampaio, assistia à cena. Com alguma timidez, embora cônscio dos méritos da prosa, avançou que acabara de escrever algumas linhas que porventura poderiam suprir a falta. Mendes Leite, sentindo-se liberto da importuna obrigação, «abraçou Sampaio como um salvador», e nem sequer quis ler. O artigo seguiu acto contínuo para a tipografia e saiu no jornal de 16, despertando tanto interesse que o jornal legitimista «Portugal Velho» o transcreveu dois dias depois.

Rodrigues Sampaio, que depois se tornaria conhecido por o «Sampaio da Revolução», de tal modo se identificaria o jornalista com o jornal, começou aí o caminho para a notoriedade e a glória de escritor e político.

Até então, trazido para a redacção do combativo periódico setembrista por José Estêvão, que o notara desde que no Porto redigira a «Vedeta da Liberdade», a sua acção restringia-se às apagadas, subalternas funções de escrever o noticiário — a que o tribuno, na sua maneira pitoresca, dava o nome de «chouriço» —, e de traduzir algum artigo da imprensa estrangeira. Percebia por esse trabalho, segundo informa algures o historiador aveirense Marques Gomes, dezanove mil e duzentos réis mensais.

Pois iam, a curto trecho, os seus proventos, na «Revolução de Setembro», subir para sessenta mil réis, com a ascenção às funções de redactor principal.

José Estêvão, ao receber, nas Caldas, o jornal, com a sua agudeza de espírito, notou que o artigo não era da autoria de Mendes Leite ou de José Alexandre de Campos. Logo, movido por viva surpresa e curiosidade, inquiriu de quem o escrevera. Apressou-se, apenas colheu a informação pedida, a felicitar Rodrigues Sampaio e, com o seu característico bom humor, a conceder-lhe «o título e o posto de «coronel», pelo qual desde então o foram tratando». E, apenas regressado a Lisboa, José Estêvão entregou-lhe — já se veria com que lúcida visão — a direcção política do jornal a que o articulista sùbitamente revelado daria tão grande nomeada e onde se tornaria, na qualificação de Rocha Martins, o «pontífice do jornalismo português».

Os dois insignes vultos manter-se-iam, aliás, estreitamente ligados até à morte do notável e devotadíssimo aveirense.

E, apenas, nas vésperas do centenário do falecimento do orador parlamentar inexcedido, do mais extreme, mais isento e mais nobre paladino das ideias liberais, recordarei que a notícia do lutuoso e imprevisto acontecimento chegou a Aveiro, no dia 4 de Novembro de 1862, por um telegrama deste desolante laconismo: «Lisboa, 2 horas e 17 minutos da manhã. Acaba de falecer o sr. José Estevam — 1 hora da manhã. A. R. Sampaio».

Foi Rodrigues Sampaio o mensageiro da triste nova. Parece, assim, que não devemos deixar de rememorá-lo, nesta hora das comemorações centenárias da morte do patrono cívico da nossa terra.

Eduardo Cerqueira

Comemorações do Centenário de José Estêvão Coelho de Magalhães

Com data de anteontem, 11, recebemos da Comissão Municipal de Cultura o seguinte comunicado:

A Comissão Municipal de Cultura, imcumbida de realizar, em âmbito municipal, a Comemoração do Centenário da Morte do insigne aveirense José Estêvão Coelho de Magalhães, vem desde há tempos trabalhando no sentido de realizar um programa comemorativo que não desmereça do muito apreço e da alta veneração que todos os aveirenses nutrem pela memória do que se pretende homenagear.

Com a afirmação deste desejo da Comissão, de dignificar o mais possível a lembrança do aveirense que tão alto elevou o nome da sua terra, informa-se ainda que, desde o primeiro momento, a mesma Comissão deliberou ter sempre presentes três pontos fundamentais na sua actuação:

1.º — Trabalhar de modo a honrar o mais possível a figura de José Estêvão, procurando que a sua personalidade seja tratada com a maior fidelidade, em relação ao que efectivamente ele foi em vida;

2.º — Proceder em tudo com o completo acordo e a mais franca colaboração da Ex.ma Família do ilustre Tribuno;

3.º — Contar, para a realização de todo o programa, com o mais franco e vivo entusiasmo da população aveirense, das suas associações e grupos representativos, para com a sua presença e com a sua dedicação à carinhosa lembrança do egrégio José Estêvão se associarem interessadamente às comemorações que nos propomos realizar, cujo programa é o seguinte:

Dia 3 de Novembro de 1962, Sábado:

Às 16 horas, abertura de uma exposição bio-biblio-iconográfica, numa sala do Museu Regional de Aveiro;

Às 19 horas, inauguração da iluminação da Estátua de José Estêvão, sita na Praça da República;

Dia 4 de Novembro de 1962, Domingo:

Às 11 horas, romagem ao Cemitério, com visita à capela-jazigo de José Estêvão e celebração de missa de sufrágio;

Às 15 horas, descerramento de uma lápida junto da Estátua de José Estêvão, seguida de Sessão Solene no Teatro Aveirense

*

Além dos actos referidos neste programa, realizar-se-á mais o seguinte:

— Publicação de um estudo sobre José Estêvão, da autoria de seu filho, Conselheiro Luís de Magalhães, com uma colectânea de trabalhos do insigne aveirense;

— Publicação de um número especial da revista «Arquivo do Distrito de Aveiro», dedicado a José Estêvão;

— Emissão de um selo comemorativo do Centenário, pela Administração-Geral dos CTT..

*

NOTAS: — A exposição bio-biblio-iconográfica será realizada com tudo o que possa conseguir-se, e a Comissão agradece com reconhecimento a colaboração que possa ser-lhe trazida por todos os que possuam material a expor e queiram emprestá-lo para o efeito; — Estão especialmente encarregados de realizar esta exposição os Exm.os Senhores Dr. Álvaro da Silva Sampaio, Dr. António Manuel Gonçalves e Dr. José Pereira Tavares, a quem poderão ser confiados os objectos com que se deseje contribuir.

A iluminação da estátua, a inaugurar no dia 3 de Novembro, será instalada para funcionar com carácter permanente.

Para a romagem ao jazigo, a concentração faz-se na Avenida que conduz ao portão do Cemitério.

A lápida a colocar junto da estátua contém uma inscrição da autoria do Sr. Dr. Luís Regala e está a ser executada por o sr. Escultor Mário Truta.

Para a sessão solene prevê-se o programa que segue:

a) — Discurso do Exm.º Presidente da Câmara Municipal;

b) — Discurso do Exm.º Senhor Mininstro Dr. Augusto de Castro, aveirense dos mas ilustres e prestigiosos;

c) — Agradecimento da Ex.ma Senhora Dona Joana Inês de Lemos Coelho de Magalhães, em nome da Família de José Estêvão.

A publicação com o estudo e colectânea está organizada e conta-se que esteja em circulação na data das comemorações.

O número especial do «Arquivo do Distrito de Aveiro» e o selo comemorativo serão distribuídos logo que possível.

Xadrez de Notícias

Continuação da 3.ª página

seu, com o Académico, e o Espinho também se contentou com uma igualdade a uma bola ante o Vitória de Guimarães.

Amanhã, em Oliveira do Bairro, com início às 14 horas, realiza-se uma Gincana de Automóveis que promete ser concorridíssima e cujo rendimento de destina às obras da Pista da Bairrada.

No sábado, em desafio amigável de futebol realizado nesta cidade, entre actuais e antigos alunos do Liceu, o grupo da NOVA VAGA derrotou, por 6-1, a equipa da VELHA GUARDA.

FUTEBOL

Continuação da página 3

parte do mundo, havia cinco minutos de jogo. A bola tinha sido desviada por um adversário antes de chegar a Romeu, que fez o golo. Mas, caso curioso, nem a Imprensa da especialidade se referiu ao lance.

Que tristeza!...

F. E. Dias

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	MOURA
Domingo . . .	CENTRAL
2.ª feira . . .	MODERNA
3.ª feira . . .	A L A
4.ª feira . . .	M. CALADO
5.ª feira . . .	AVEIRENSE
6.ª feira . . .	SAÚDE

A CIDADE

Abertura das aulas

Escola Industrial e Comercial

Na Escola Técnica de Aveiro, a abertura das aulas realizou-se no dia 1 do corrente, com uma sessão solene efectuada no ginásio sob a presidência do seu Director, sr. Dr. Amadeu Cachim, ladeado pelos directores dos Cursos Comercial e Industrial e do Ciclo Preparatório.

Depois do Director da Escola ter apresentado cumprimentos de boas vindas aos professores, mestres e alunos e de ter incitado todos os estudantes que frequentam a Escola Industrial e Comercial a cumprirem os seus deveres escolares, usou da palavra o Professor de Moral Rev.º Padre António de Oliveira que dissertou sobre a missão da Escola e as vantagens que esta pode oferecer aos alunos que a frequentam.

Este ano, estão matriculados neste estabelecimento de ensino 1718 alunos — considerável acréscimo em relação ao ano transacto.

Liceu

Também no dia primeiro, foram iniciados os trabalhos escolares do novo ano lectivo do Liceu Nacional de Aveiro.

Para o efeito, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o sr. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu, que dirigiu a usual saudação aos alunos, lembrando-lhes a necessidade de bem cumprirem os seus deveres de estudantes.

Foram depois entregues os prémios relativos ao ano lectivo transacto.

No Liceu matricularam-se 1330 alunos — mais 75 do que em 1961-1962.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 3 do corrente, procedente dos bancos da Terra Nova, entrou o navio *D. Denis*, com bacalhau fresco, e saiu, para o Douro, o *Praia da Saúde*, em lastro.

★ Em 4, vindo da Terra Nova, entrou o navio *S. Jacinto*, com bacalhau fresco.

★ Em 5, regressando dos bancos da Terra Nova, entraram, com bacalhau fresco, os navios *Lutador*, *Ilhavense*, *Novos Mares* e *S. Jorge*.

★ Em 6, entrou neste porto, procedente de Safi, com gesso, o l/motor *Jaime Silva*.

★ Em 8, de regresso dos bancos da Terra Nova, entrou neste porto o navio *Rio Antuã*, com bacalhau fresco.

★ Em 9, saiu o l/motor *Jaime Silva*, em lastro, para Lisboa.

ANO IX

— Continuação da primeira página —

pudermos fazer de futuro, que todos aceitem, como único tributo por tantas deferências, aquela verticalidade que sempre foi nosso timbre — e que sempre será a *mesma verticalidade* — já que (perdoem-nos o orgulho com que o afirmamos) não poderá ser mais vertical.

Museu de Aveiro

No seu regresso da III Reunião dos Conservadores dos Museus e dos Palácios e Monumentos Nacionais, a que presidiu, visitou demoradamente o Museu de Aveiro o sr. Dr. João Couto, antigo e prestigioso Director do Museu Nacional de Arte Antiga.

O distinto visitante traduziu ao sr. Dr. António Manuel Gonçalves o mais expressivo aplauso pela notabilíssima obra ali realizada por aquele ilustre e dinâmico Director do nosso Museu.

I Festival-Concurso Folclórico do Distrito de Aveiro

Constituiu um assinalado êxito o anunciado festival folclórico levado a efeito na noite do último sábado no Pavilhão Desportivo do Beira-Mar em louvável iniciativa do Grupo Folclórico Tricanas de Aveiro.

Hoje, por falta de espaço, somos impedidos de fazer mais circunstânciada notícia do certame, que reuniu o valioso concurso de 10 concorrentes.

Novo Estabelecimento

O conhecido e competente massagista do Beira-Mar, sr. Francisco Vicente, abriu há pouco, na Rua dos Mercadores, em frente à Casa dos Jornais, um condigno estabelecimento de massagista e calista.

JURAMENTO de BANDEIRA

Na BASE AÉREA 7

Em 29 do mês findo, penúltimo sábado, de manhã, e como oportunamente aqui anunciámos, realizou-se em S. Jacinto a cerimónia do Juramento de Bandeira de 62 novos alunos-pilotos da Força Aérea, pertencentes ao Curso de Pilotagem P. 1.

Presidiu o Secretário de Estado da Aeronáutica, sr. Coronel-aviador Kaulza de Arriaga, e assistiram ao acto os srs.: 1.º Subchefe do Estado Maior e o Director dos Serviços de Recrutamento e Instrução da Força Aérea; Comandante Militar de Aveiro; Governador Civil substituto; Reitor do Seminário Diocesano, que representava o Vigário Capitular de Aveiro; e Tenente-coronel Alberto Lopes Marques, novo Comandante da Base Aérea 7, e os restantes oficiais da unidade.

No início das luzidas cerimónias, Mons. Aníbal Ramos celebrou missa campal, proferindo uma homilia no momento próprio.

Realizou-se depois o Juramento de Bandeira. Houve a leitura dos deveres militares, pelo sr. Tenente Sábio; uma expressiva alocução patriótica aos alunos, pelo sr. Alferes-piloto-aviador Aires da Cruz; e, por último, a leitura da fórmula do juramento, pelo sr. Capitão Domingos Belo.

Procedeu-se depois à bênção da nova capela da Base e a uma visita a todas as instalações da Unidade.

A festa culminou com um desfile aéreo e com voos de uma esquadrilha comandada pelo sr. Capitão Alves Pereira.

Por último, o sr. Secretário da Aeronáutica presidiu a um almoço na messe dos oficiais da Base.

Em INFANTARIA 10

Na manhã de domingo passado, efectuou-se, no Estádio de Mário Duarte, o Juramento de Bandeira de 1800 recrutas da terceira incorporação deste ano no Centro de Instrução Básica do Regimento de Infantaria 10.

A cerimónia foi presidida pelo Comandante Militar de Aveiro, sr. Coronel Álvaro Salgado, a ela assistindo ainda o Comandante do R. I. 10, sr. Coronel Evangelista Barreto, e a sua restante oficialidade, e alguns milhares de pessoas das famílias dos novos soldados.

Conduzida, em escolta, pelo porta-estandarte sr. Alferes Duarte de Almeida, a Bandeira Nacional foi apresentada aos recrutas em parada, alinhados em diversos pelotões pertencentes a quatro companhias, respectivamente comandadas pelos srs. Alferes Manuel Botelho, Capitão João Fernandes Ressurreição, Alferes Caboz Santana e Capitão Rui Mendonça Lameiras.

Presentes ainda uma companhia, de quatro pelotões, de soldados do quadro permanente, sob comando do sr. Capitão Alberto Marques Osório, e a charanga do Regimento.

Comandava todas as forças o sr. Major Narsélio Matias.

Após a continência à bandeira, o sr. Tenente Jaime Vieira Valentim procedeu à leitura dos deveres militares e o sr. Alferes-miliciano Soares Lopes proferiu uma patriótica alocução em que exortou os soldados a bem cumprirem os seus deveres de militares e portugueses.

Depois, o sr. Major Henrique Manuel da Cruz Antunes, 2.º Comandante do R. I. 10, leu a fórmula do Juramento — repetida em coro uníssono pelos recrutas.

Finalmente, trinta e um soldados foram galardoados com prémios, por se terem distinguido, durante a instrução, pelo comportamento ou pela capacidade militar que revelaram.

Terminada a cerimónia, houve um desfile das tropas para o Quartel de Sá através das principais artérias da cidade.

Nas gravuras

1 — *Os alunos-pilotos que juraram Bandeira na Base Aérea 7*

2 — *O Secretário da Aeronáutica à sua chegada a S. Jacinto*

3 — *A apresentação da bandeira aos recrutas de Infantaria 10*

4 — *Um aspecto da formatura geral dos 1800 soldados do R. I. 10*

Problemas do Sal

Foi-nos enviada, com pedido de publicação, a seguinte nota:

De acordo com a notícia publicada em 29 de Setembro último, informam-se os proprietários e marnotos do salgado de Aveiro interessados na homenagem às individualidades que mais acentuadamente contribuiram para o recente aumento do preço do sal na produção, que o jantar de confraternização se realiza efectivamente no próximo dia 20 do corrente mês, pelas 20 horas, no restaurante Galo de Ouro.

Conservatório Regional de Aveiro

Cursos de Música

Informam-se os alunos dos Cursos de Música deste Conservatório de que, par motivo de obras na casa onde se vai instalar, as aulas só terão início, provávelmente, nos últimos dias do corrente mês ou em princípios de Novembro.

Os alunos não serão prejudicados nos seus estudos porque as aulas hão-de prolongar-se, no final do ano, por um periodo correspondente ao retardamento do seu início.

Oportunamente se indicará a data da abertura das aulas.

Curso de Francês

Realizam-se, hoje, as provas orais dos examinandos que fizeram a prova escrita no dia 6. As aulas começam no dia 17, com o seguinte horário, às quartas e sábados:

— às 17 horas — 1.º ano (turma dos principiantes) e 5.º ano (curso superior);

— às 18 horas — 1.º ano (turma dos alunos que já têm alguns conhecimentos) e 4.º ano;

— às 19 horas — 2.º e 3.º anos

Se algum dos candidatos à frequência não puder frequentar as aulas do ano em que se inscreveu, nas horas acima indicadas, pode ser-lhe facultada a assistência às do ano imediato.

Curso de Inglês

Ainda não está assegurado o funcionamento deste curso, apesar de todas as diligências feitas pelo Conservatório e da boa vontade do Instituto Britânico. Espera-se, contudo, que nos princípios de Novembro o assunto se encontre definitivamente resolvido.

José Estêvão e Rodrigues Sampaio

Continuação da primeira página

mam letras. Tinha um secretário, mas quando este lhe faltava, perguntava ao primeiro amigo que lhe aparecia:

« Sabes escrever? Não te escandalizes, porque eu não sei. Se sabes, faz-me o favor de escrever as tolices que vou ditar.

« Dava uma volta pela casa, depois parava diante do amanuense improvisado, e, erguendo o braço direito com o dedo indicador em pé, a primeira palavra que dizia era:

« — Ponto!

« Sem esse intróito nunca ditou coisa nenhuma ».

Esse jornalista medularmente avesso à escrita, inteira negação de obediência às exigências da caligrafia, ditava artigos sobre artigos — mas algumas vezes, para tormento de tipógrafos com artes de decifração superiores às dos boticários, gatafunhava-os ele próprio. Anda citada, por exemplo, a *História das vinte e quatro horas*, «em que se sente o pulso de um lutador temível contra os chamados restauradores da Carta». E, noutro género, consideravam-se modelares «páginas das mais notáveis do jornalismo português, as suas comemorações fúnebres, principalmente de Anselmo Braamcamp, de Silva e Castro, de Leonel Tavares e do Duque de Terceira...» Esta última foi publicada em 1909, em apêndice aos *Discursos*, com as que consagrou, em periódicos aveirenses, a D. Maria II e D. Pedro V, mas, das restantes, mal se conhecem algumas curtas passagens.

Na ausênncia ou na impossibilidade de qualquer dos fundadores e orientadores do jornal, o fundista substituto era José Alexandre de Campos, colega de ambos na Câmara dos Deputados e militante do mesmo agrupamento político.

Ora, em princípios de Agosto de 1841, José Estêvão fora fazer uma cura de águas nas Caldas da Rainha, e Mendes Leite, fugindo à canicula da capital, ausentava-se com frequência, nesse período, para o Estoril. O substituto José Alexandre de Campos encontrava-sa pois em exercício. Simplesmente, porque soubera da vinda de Mendes Leite a Lisboa, no dia 15 daquele mês, considerou-se desobrigado de escrever o artigo de fundo. A seu turno, aquele, que já de si cabulava sempre que o ensejo era propício, só entrou na redacção, de volta de um baile, por volta das duas da madrugada. Faltava, pois, àquela hora o artigo principal — o prato de resistência do periódico. Da tipografia solicitavam-no insistentemente e com urgência. O velho e devotado amigo de José Estêvão, fatigado, sonolento, bastante à sobreposse, porque a necessidade era imperiosa e indeclinável, tomou da pena para escrever. Ao lado, com a placidez que era peculiar a esse que viria a ser o tão vigoroso e intrépido panfletário do «Espectro», António Rodrigues Sampaio, assistia à cena. Com alguma timidez, embora cônscio dos méritos da prosa, avançou que acabara de escrever algumas linhas que porventura poderiam suprir a falta. Mendes Leite, sentindo-se liberto da importuna obrigação, «abraçou Sampaio como um salvador», e nem sequer quis ler. O artigo seguiu acto contínuo para a tipografia e saiu no jornal de 16, despertando tanto interesse que o jornal legitimista «Portugal Velho» o transcreveu dois dias depois.

Rodrigues Sampaio, que depois se tornaria conhecido por o «Sampaio da Revolução», de tal modo se identificaria o jornalista com o jornal, começou aí o caminho para a notoriedade e a glória de escritor e político.

Até então, trazido para a redacção do combativo periódico setembrista por José Estêvão, que o notara desde que no Porto redigira a «Vedeta da Liberdade», a sua acção restringia-se às apagadas, subalternas funções de escrever o noticiário — a que o tribuno, na sua maneira pitoresca, dava o nome de «chouriço» —, e de traduzir algum artigo da imprensa estrangeira. Percebia por esse trabalho, segundo informa algures o historiador aveirense Marques Gomes, dezanove mil e duzentos réis mensais.

Pois iam, a curto trecho, os seus proventos, na «Revolução de Setembro», subir para sessenta mil réis, com a ascenção às funções de redactor principal.

José Estêvão, ao receber, nas Caldas, o jornal, com a sua agudeza de espírito, notou que o artigo não era da autoria de Mendes Leite ou de José Alexandre de Campos. Logo, movido por viva surpresa e curiosidade, inquiriu de quem o escrevera. Apressou-se, apenas colheu a informação pedida, a felicitar Rodrigues Sampaio e, com o seu característico bom humor, a conceder-lhe «o título e o posto de «coronel», pelo qual desde então o foram tratando». E, apenas regressado a Lisboa, José Estêvão entregou-lhe — já se veria com que lúcida visão — a direcção política do jornal a que o articulista sùbitamente revelado daria tão grande nomeada e onde se tornaria, na qualificação de Rocha Martins, o «pontífice do jornalismo português».

Os dois insignes vultos manter-se-iam, aliás, estreitamente ligados até à morte do notável e devotadíssimo aveirense.

E, apenas, nas vésperas do centenário do falecimento do orador parlamentar inexcedido, do mais extreme, mais isento e mais nobre paladino das ideias liberais, recordarei que a notícia do lutuoso e imprevisto acontecimento chegou a Aveiro, no dia 4 de Novembro de 1862, por um telegrama deste desolante laconismo: «Lisboa, 2 horas e 17 minutos da manhã. Acaba de falecer o sr. José Estevam — 1 hora da manhã. A. R. Sampaio».

Foi Rodrigues Sampaio o mensageiro da triste nova. Parece, assim, que não devemos deixar de rememorá-lo, nesta hora das comemorações centenárias da morte do patrono cívico da nossa terra.

Eduardo Cerqueira

Comemorações do Centenário de José Estêvão Coelho de Magalhães

Com data de anteontem, 11, recebemos da Comissão Municipal de Cultura o seguinte comunicado:

A Comissão Municipal de Cultura, imcumbida de realizar, em âmbito municipal, a Comemoração do Centenário da Morte do insigne aveirense José Estêvão Coelho de Magalhães, vem desde há tempos trabalhando no sentido de realizar um programa comemorativo que não desmereça do muito apreço e da alta veneração que todos os aveirenses nutrem pela memória do que se pretende homenagear.

Com a afirmação deste desejo da Comissão, de dignificar o mais possível a lembrança do aveirense que tão alto elevou o nome da sua terra, informa-se ainda que, desde o primeiro momento, a mesma Comissão deliberou ter sempre presentes três pontos fundamentais na sua actuação:

1.º — Trabalhar de modo a honrar o mais possível a figura de José Estêvão, procurando que a sua personalidade seja tratada com a maior fidelidade, em relação ao que efectivamente ele foi em vida;

2.º — Proceder em tudo com o completo acordo e a mais franca colaboração da Ex.ma Família do ilustre Tribuno;

3.º — Contar, para a realização de todo o programa, com o mais franco e vivo entusiasmo da população aveirense, das suas associações e grupos representativos, para com a sua presença e com a sua dedicação à carinhosa lembrança do egrégio José Estêvão se associarem interessadamente às comemorações que nos propomos realizar, cujo programa é o seguinte:

Dia 3 de Novembro de 1962, Sábado:

Às 16 horas, abertura de uma exposição bio-biblio-iconográfica, numa sala do Museu Regional de Aveiro;

Às 19 horas, inauguração da iluminação da Estátua de José Estêvão, sita na Praça da República;

Dia 4 de Novembro de 1962, Domingo:

Às 11 horas, romagem ao Cemitério, com visita à capela-jazigo de José Estêvão e celebração de missa de sufrágio;

Às 15 horas, descerramento de uma lápida junto da Estátua de José Estêvão, seguida de Sessão Solene no Teatro Aveirense

*

Além dos actos referidos neste programa, realizar-se-á mais o seguinte:

— Publicação de um estudo sobre José Estêvão, da autoria de seu filho, Conselheiro Luís de Magalhães, com uma colectânea de trabalhos do insigne aveirense;

— Publicação de um número especial da revista «Arquivo do Distrito de Aveiro», dedicado a José Estêvão;

— Emissão de um selo comemorativo do Centenário, pela Administração-Geral dos CTT..

*

NOTAS: — A exposição bio-biblio-iconográfica será realizada com tudo o que possa conseguir-se, e a Comissão agradece com reconhecimento a colaboração que possa ser-lhe trazida por todos os que possuam material a expor e queiram emprestá-lo para o efeito; — Estão especialmente encarregados de realizar esta exposição os Exm.os Senhores Dr. Álvaro da Silva Sampaio, Dr. António Manuel Gonçalves e Dr. José Pereira Tavares, a quem poderão ser confiados os objectos com que se deseje contribuir.

A iluminação da estátua, a inaugurar no dia 3 de Novembro, será instalada para funcionar com carácter permanente.

Para a romagem ao jazigo, a concentração faz-se na Avenida que conduz ao portão do Cemitério.

A lápida a colocar junto da estátua contém uma inscrição da autoria do Sr. Dr. Luís Regala e está a ser executada por o sr. Escultor Mário Truta.

Para a sessão solene prevê-se o programa que segue:

a) — Discurso do Exm.º Presidente da Câmara Municipal;

b) — Discurso do Exm.º Senhor Ministro Dr. Augusto de Castro, aveirense dos mas ilustres e prestigiosos;

c) — Agradecimento da Ex.ma Senhora Dona Joana Inês de Lemos Coelho de Magalhães, em nome da Família de José Estêvão.

A publicação com o estudo e colectânea está organizada e conta-se que esteja em circulação na data das comemorações.

O número especial do «Arquivo do Distrito de Aveiro» e o selo comemorativo serão distribuidos logo que possível.

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

FAZ-SE SABER que para arrematação, em segunda praça, de parte dos bens constantes dos autos de carta precatória vinda para este efeito do Sexto Juízo Cível da comarca do Porto e extraída dos de acção sumária, em execução de sentença, que a exequente Orgânica--Anilinas e Produtos Químicos, com sede na Rua de Santa Catarina, n.º 753, move contra o executado António Neto Mostardinha, foi designado o dia VINTE E DOIS do corrente, pelas ONZE horas, no Tribunal, que serão entregues a quem maior lanço oferecer acima do que adeante se indica.

BENS A PRACEAR

Quatro sacos de fertilizante, de marca Gebes, com cinquenta quilos cada, que vão à praça por cento e noventa escudos: Duas balanças decimais em bom estado de funcionamento, que vão à praça por setenta e cinco escudos; uma bicicleta motorizada marca Kreidler K-cinquenta, com o número de registo 9786, que vai à praça pelo valor de quinhentos escudos.

Aveiro, 9 de Outubro de 1962

O Escrivão de Direito,
João Alves

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Silvino Albino Vila Nova

Litoral ★ N.º 416-Aveiro, 13-10-1962

ANÚNCIO

Francisco Manuel Roberto, casado, de quarenta anos de idade, filho de Manuel Joaquim Estemenha e de Custódia dos Santos Barrocas, natural de Cabeça Gorda — Beja, residente em Lameira de S. Geraldo — Mealhada, há mais de catorze anos, declara para os devidos efeitos que requereu processo de alteração de nome no sentido de passar a chamar-se Francisco Manuel Estemenha. Devidamente autorizado por Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Justiça a publicar este anúncio, convida os interessados a deduzirem a oposição que tiverem, no prazo de 30 dias, perante a Conservatória dos Registos Centrais em Lisboa.

Mealhada, 4 de Outubro de 1962.

Francisco Manuel Roberto

Despedida

Adriano Amorim dos Reis, do seu regresso a Luanda, despede-se, por este meio, de todos os seus amigos de quem não pôde despedir-se pessoalmente

Despedida

Laurinda Azevedo e seu filho António Azevedo, na impossibilidade de se despedirem de todas as pessoas conhecidas e amigas como era seu ardente desejo, aqui deixam expressos os seus melhores cumprimentos de despedida e de boa saúde para todos, uma vez que no dia 6, embarcaram novamente com destino aos E. U. A..

Ainda Ares Galicianos

A Transformação da Espanha

Artigo do DR. QUERUBIM GUIMARÃES

NA verdade quem conhece a Espanha dos começos deste século e a vê agora, sente a diferença assinalada em progresso material e melhoria social e urbanística.

A Espanha dos séculos passados permanece a mesma nos seus costumes, nas suas tradições, no seu orgulho. E' a Espanha esplendorosa no seu casticismo de raça, altiva e forte no aprumado heroísmo dos seus maiores, na grandiosidade das suas Catedrais — Burgos, Santiago de Compostela, Sevilha, Granada, Salamanca, — com as suas duas catedrais — a *Vièja* e a *Nueva*. Sevilha, Granada, Cerdova a rescender todo o sul da Espanha do perfume arabesco da sua arquitectura, velhas Mesquitas, onde Alah era venerado, transformadas em Sés católicas, onde o Cristo das cinco chagas é adorado em altares doirados, figurados em esculturas que desafiam os séculos e a crítica dos cultores de todas as artes que adornam os templos cristãos.

Toda a sua história se pode estudar fora dos livros ou compêndios escolares. Basta percorre-la, visitá-la nos pontos predominantes dos seus ciclos históricos e aí, se aprenderá o valor do seu espírito viril e audaz, esse espírito de altiva reacção contra tudo e contra todos que pretendam amesquinhar a sua grandeza, ou diminui-la na galhardia ousada dos seus feitos. E o que é essa galhardia heróica na defesa do seu nome ou na reacção contra os que lhe negam o valor, ou a ultrajam, afrontando-a nos seus direitos, é a mesma galhardia, grande no seu heroísmo, de defensora da fé, erguida a Cruz como estandarte de apostolado cristão contra o Crescente islâmico, símbolo do Alcorão de Mahomé, como a Cruz o é do Evangelho de Cristo. Não é preciso estudar-se a história nos arquivos bibliotecários, para se saber o que foi por exemplo a luta travada entre infiéis e cristãos quando da invasão dos árabes, como durante a sua permanência na Península, sobretudo na Espanha, onde a sua permanência foi maior, como também no final do seu domínio quando expulsos de Granada pelos Reis Católicos — Fernando e Isabel.

Basta ir às Astúrias — no primeiro caso — onde estive, quando atravessamos a Espanha na visita a Lourdes por ocasião do 1.º Centenário das Aparições da Virgem a Bernardette Soubirus.

Trepando-se ao cume da serra onde um convento recolhe, na solidão dessa escarpada montanha, as orações dos crentes, sente-se a mesma fé que animou os cristãos contra os mouros na célebre batalha de Covadonga, onde existe hoje um Santuário, que mereceu ao nosso Herculano uma brilhante página evocadora desse histórico feito. Lá se ergue, evocando essa vitória um monumento a Peluyo, o defensor das Astúrias contra os mouros como Viriato o foi dos Herménios contra os romanos, no mesmo culto de defesa do torrão pátrio contra os invasores. Fica-se com a visita conhecendo esse momento da história da Ibéria, ao tempo uma expressão global da região, da qual se desintegraram os Estados peninsulares posteriormente.

Olha-se a paisagem em redor, toda ela cercada de montanhas que nos parecem inacessíveis a exércitos em plano bélico e sente-se que a estratégia do guerreiro pastor que foi Pelayo, como o nosso Viriato, era uma estrategia sem dificuldades de maior, tão protegido se encontrava pela própria Natureza. Em baixo, num plano acidental, a meio da ascensão penosa, Covadonga, hoje Santuário, lugar de oração, de repouso, evocativo, sem esforço, da famosa resistência ibérica ao assalto do mouro infiel e traiçoeiro. Nessa evocação do sangrento e bravo encontro perpassa a nossos olhos uma grande parte da História, na luta contra o mouro e ergue-se a toda a altura a figura heróica e lendária do Cid, o Campeador, que se tornou símbolo do indomável heroísmo hispânico.

Igualmente para sentirmos a outra fase, a derradeira, do domínio árabe, também não é preciso mais que uma visita a Granada, onde o último abencerragem mourisco lutou sem glória e teve de abandonar definitivamente a Península, recolhendo à sua terra, do outro lado mediterrânico.

Em Granada, a velha Mesquita, transformada em Catedral católica, o Páteo de Los Leones, belo átrio que dá entrada no salão de recepção dos embaixadores, salão nobre, de formosa e rendilhada floração do «mudjare», com azulina cobertura do salão, — azul celeste, cravejado de pontos brancos a figurar as constelações siderais. A Alleambra, a Generalife, o quadro luminoso de sombras e romanescos murmúrios de águas caindo em tanques que parecem obras de fadas, recintos de lendários mouras encantadas, princesas apaixonadas por príncepes cristãos ou grandes na fé do Evangelho, condenados a morrer de paixão pelo imperitivo desencontro da fé religiosa, tudo ali nos faz lembrar um domínio de há séculos, ao qual se referia um guia árabe que se me ofereceu em Gibraltar para me acompanhar a Tânger e em Tânger me guiou no percurso pela então cidade internacional e num passeio, a cavalo, a Fez, a capital marroquina, que não chegámos a atingir.

O que me dizia ele, esse inteligente e simpático cicerone, embrulhado no seu albornoz branco, bronzeado e arguto, olhos brilhantes e e alvos dentes a destacarem-se no rosto escuro.

Fatalista, como todos os árabes, meio filósofo e meio crítico da história do seu povo, lamentava o domínio marroquino exercido por franceses e por espanhóis e considerava-o consequência fatal da audácie dos seus antepassados, atravessando o Estreito e virem afrontar-nos na nossa terra, a paz que gozávamos.

— «Estava escrito, estava escrito» — clamava na dor desse seu histórico fatalismo.

Esta confissão de velhos pecados dos árabes, merecedores, portanto, do castigo então sofrido, não a ouviu certamente Alah.

Se a tivesse ouvido condenaria certamente o delinquente às penas eternas do seu credo islâmico.

Para se conhecer a história da Espanha bastará percorrê-la porque, em todos os locais de maior destaque da sua marcha na evolução dos tempos, se encontra elucidativo documentário dos acontecimentos que ilustraram esses locais.

Isto na história do passado. E na sua história contemporânea?

Isso fica para outra vez.

Perfil de Jorge Amado

Continuação da última página

Sentado hoje na cadeira que Machado de Assis já ocupou e que tem por patrono o criador de Iracema, José de Alencar, o primeiro romancista brasileiro, também a obra de Jorge Amado havia de reflectir este «saber de experiência feito» que ganhou ao longo de anos de trabalho e luta.

De facto, já em Gabriela, Cravo e Canela todos haviam notado que Jorge Amado não era o mesmo de Jubiabá ou de Terras do Sem Fim; ou, melhor: o autor de Gabriela era efectivamente o mesmo que escrevera Jubiabá, mas o tempo, as modificações que o mundo e o Brasil sofreram entretanto, o próprio amadurecimento do escritor, ditarom uma nova perspectiva, uma nova maneira de narrar. Lá estão, porém, em ambos os romances, o mesmo lirismo, a mesma sensualidade, a mesma justeza da descrição social.

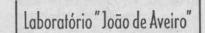
Mas se em Gabriela não abandonáramos ainda o ambiente de S. Jorge dos Ilhéus, com os seus coronéis, a sua guerra do cacau e do café e as suas infindáveis cavaqueiras sobre política, mulheres e dinheiro, em Os Velhos Marinheiros Jorge Amado traz-nos de volta à sua Baía natal, onde ele começara a sua vida de escritor com o ciclo de romances que lhe conquistou um público até hoje fiel.

A cidade da Baía — eis a grande personagem de Os Velhos Marinheiros. O escritor evoca com tanta verdade e ternura, com tanto esmero e poesia, a sua cidade das «ladeiras» que descem sobre o cais, os saveiros e o mar, que a poucas páginas da história de «Quincas Berro Dágua», «Berrito» para as raparigas, já nos sentimos familiarizados com a cidade, apaixonados por ela tanto como o nosso guia.

Não se podem procurar nestas duas novelas, que o autor agrupou sob o título comum de Os Velhos Marinheiros, aqueles valores apologéticos a que ele nos habituara num certo período da sua carreira literária ou mesmo aquela corajosa rudeza que ele punha na denúncia da injustiça, da iniquidade, da chaga social. Muito pelo contrário, quer na aventura singular de Quincas Berro Dágua, quer na ridícula história do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso, tudo é satírico, tudo são aguilhoadas rápidas e muitas vezes subtis.

Jorge Amado abandona o ataque directo para o substituir pela não menos eficaz sátira: não há escalão social daquela burguesia baiana que escape à sua crítica, ao seu corrosivo humor. Só aparentemente, pois, estas duas novelas que compõem o volume Os Velhos Marinheiros são puras obras de estilo ou picarescas histórias sem consequências.

Emfim, ler esta última obra de Jorge Amado é como sentar-se em torno de uma mesa ou junto à lareira e escutar, sem desviar a atenção por um momento, a voz persuasiva e eloquente do autor, narrando as saborosas aventuras de Quincas Berro Dágua, «rei dos gafieiras da Baía», e de «seu» Aragãozinho, mais conhecido pelo nome de Comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso.

P. E. A.

dos LIVROS & dos AUTORES

PERFIL de JORGE AMADO

«Jorge Amado completou cinquenta anos. A data foi celebrada em Portugal e no Brasil. Meio século conta hoje, portanto, um dos mestres do neo-realismo luso-brasileiro /.../ Jorge Amado entrou na Academia Brasileira das Letras. É hoje no Brasil um escritor consagrado». Foram estes os termos em que o conhecido crítico português João Gaspar Simões se referiu, muito recentemente, ao famoso autor de Gabriela, Cravo e Canela.

No momento em que se anuncia para breve o lançamento da edição portuguesa da última obra de Jorge Amado — Os Velhos Marinheiros — pareceu-nos oportuno recordar, em traços largos, a carreira e a personalidade daquele que é, indiscutivelmente, o escritor brasileiro de maior êxito junto do público português.

Falar de Jorge Amado é tarefa quase inútil, tão conhecidas são a sua obra e a sua vida. Não quereríamos, no entanto, deixar de evocar a forte personalidade do grande romancista baiano, agora que se anuncia o lançamento da edição portuguesa da sua última obra: Os Velhos Marinheiros. Evocar a sua personalidade, por um lado, e por outro recordar as figuras do negro Balduíno e de pai-de-santo Jubiabá, dos «capitães da areia», dos «coroneis» das Terras do Sem Fim e de S. Jorge dos Ilhéus, da mulata Gabriela, figuras que para sempre acompanham quem um dia conviveu com elas, sentiu o seu calor humano e se preocupou com os seus problemas.

Ao cabo de trinta anos de vida literária e pública, Jorge Amado atingiu aquela maturidade a que só poucos têm possibilidade e capacidade para ascender. Ao fim de 30 anos de rebeldia e de oposição permanente a toda a sorte de conformismos, Jorge Amado é recebido na Academia Brasileira de Letras, o seu editor homenageia-o com um volumoso livro comemorativo da publicação do seu primeiro romance. Porém, entrar para a Academia não foi, para Jorge Amado, um abrandamento das suas ideias e posições. Foi, sim, por um lado, o reconhecimento pela Academia do valor inestimável da contribuição de Jorge Amado à cultura do Brasil; por outro lado, como o próprio escritor afirmou no belo e ousado discurso que pronunciou ao juntar-se aos «imortais»: «Triste é o espectáculo do académico de vinte anos, triste é o espectáculo do anti-académico de quarenta anos».

Continua na página 7

Musa Campestre

Manum suam aperuit inopi...

Prov. XXXI, 20

Tarde na aldeia. Um sol canicular
Beija o pó dos caminhos... E, florida,
— Parece a Primavera! — Margarida
Sobe prestes a escada do seu lar.

Em suas mãos de neve e de luar,
Conduz a taça, em que levou comida
Ao pobrezinho de penosa vida,
Que se retira, alegre, a manquejar.

O pobre, como sempre, vai rezando,
Na forma do costume venerando,
Pelas alminhas que o Senhor lá tem...

Para a feliz donzela, de sorriso
Em lábios de morango, — Paraíso
E' Céu e vida em graça e fazer bem.

REINALDO MATOS

Estante

1. BESOURO NA FLORESTA. Arsénio Mota, *Colecção Saturno. 1962. Vol. de 124 págs.*

O autor (que muito tem honrado com os seus escritos as colunas deste jornal), apesar de novo, é já bastante conhecido através de trabalhos literários e jornalísticos justamente apreciados.

Surge-nos agora com um livro de contos (um género reconhecidamente difícil): dez pequenas quadras, nas quais se revelam atitudes de espírito em face de determinadas situações concretas, sempre impressionantes, do mundo e da vida.

Escrito num estilo muito pessoal, por vezes aliciante, este livro impõe-se pela elevação dos temas e pelos encantos do poema.

Ilustra-o uma capa curiosa de Augusto de Sousa.

2. O ESPÍRITO E A CARNE. Gonzaga Duarte, *ABC-Oficinas Gráficas, 1961. Vol. de 77 págs.*

Um livro de poesias, de quem «nunca fez poesia intencionalmente».

No prefácio, o autor desenvolve uma curiosa análise do conceito de poesia, descobrindo três aspectos que reputa essenciais: a poesia é *comunicação*, é *moção*, e é também *tema*.

Este prefácio, de um notável equilíbrio, bem merece ser lido e meditado.

Quanto aos versos, o autor escuda-se na honestidade com que os escreveu para reclamar a indulgência dos leitores, por não ter sabido realizar o que seria a sua ambição. E, não obstante, há neste livro algumas poesias (nem todas, seguramente) que revelam um verdadeiro poeta.

Se, como o auror confessa, os seus versos «aconteceram simplesmente» — ainda bem que «aconteceram»!

Estamos em crer que, se outros «acontecerem», o autor há-de sentir-se cada vez mais seguro de alcançar os «propósitos» que manifestou no prefácio e menos carecido... de «ser perdoado».

Um Crítico no Banco dos Réus

Continuação da primeira página

A crítica, porque ciência, *tem de dizer* porquê; *porque* arte, *deve esclarecer* como... *Perante estes dados básicos, o crítico, mesmo de gazetilha, impressionista por possíveis circunstâncias, não pode gritar, defendendo-se com o encolher de ombros de Jean-Jacques Gauthier: «Cela n'apporte rien».*

Por isso nós, admitindo, mesmo em crítica, sobretudo em crítica, uma liberdade de opinião, exigimos, porque crítica, que o juízo nela implícito se fundamente explìcitamente...

*

Vem este já longo preâmbulo a propósito de certo crítico, o único, se diga, que não afinou pela opinião unânime de toda a Imprensa lisboeta acerca do Círculo Experimental de Teatro de Aveiro e do seu Godot no Trindade...

Mas, — por que não dizê-lo? —, honra seja ao CETA que, tal como o imortal Homero da divina Hélade, até foi digno de ter o seu Zoilo. Nada mais faltava para que melhor sabor tivesse a vitória final...

Porque a crítica desse tal crítico é boa de criticar...

Não queremos prender-nos com o pormenor de discutir se, para bem do Teatro, os amadores devem ou não «atirar-se» a peças de vanguarda, difíceis até para profissionais... (Não se deixe de referir que «À Espera de Godot» foi o segundo espectáculo do palmarés do CETA, pois este, antes desta vitória... nacional!, apenas contava com a sua estreia em 1959...)

O caso era fácil de resolver, não apenas especulando o problema nos seus prós e contras, mas sobretudo citando factos e estatísticas em nações modernas, avançadas, onde o verdadeiro teatro é uma realidade nacional...

Mas deixemos também este pormenor, até porque mais tarde, ao criticar a última peça do Concurso de Arte Dramática deste ano, o celebrado crítico (seria, na última hora, confissão de moribundo arrependido pelo mal dito e..., — para cúmulo! —, dito mal?...) se confessava velho e revelho: «como nós envelhecemos...»

(Não quereria ele dizer que quem envelheceu foi a peça, pois, volvidos quarenta anos, ela não era «uma obra-prima,— quem lhe *teria morrido para ela ter deixado de ser prima?...—, sinal de que ele não envelhecera com ela envelhecida?)*

*

Em Teatro, não se pode ver bem o espectáculo *se não se tiver bem visto o* texto.

«A escuridão, por vezes, foi tão intensa que não se observavam senão as silhuetas e as grandes sombras no pano de fundo dos projectores laterais.

....

A luz oculta de mais o jogo fisionómico dos artistas. Estes são quatro apenas para as quatro personagens. (sic!)... *A indumentária dos dois vagabundos pareceu-nos bastante fantasiosa, porque se trata de figuras humanas... reais.» «Na cauda, o veneno», diria T'héophile Gauthier se lesse, não como poeta mas como crítico, estas palavras críticas do referido Zoilo do CETA.*

Ora antes de mais: as personagens, no Godot de Beckett, nunca, de modo algum, são quatro! Ou bem que são cinco, na sua contagem total, ou bem que são apenas duas, no seu papel dorsal de toda a profunda carpintaria beckettiana.

Ter-se-á dado o caso do «garoto», por tão miúdo, não ter sido visto, apesar do seu trabalho tão brilhantemente desempenhado e das suas palavras tão decisivas, funcionalmente, no desenrolar final da intriga dos dois actos?

Mas ataquemos o ponto nevrálgico: «porque se trata de figuras humanas... reais.»

Ora humanas e reais não são, em criação literária, palavras sinónimas. A primeira diz respeito à ordem da verosimilhança, da potencialidade... A segunda refere-se ao campo da existência. E ainda aqui teríamos de perguntar qual o significado de reais. Real referir-se-á a um indivíduo, a um símbolo, ou a um mito?

Pelo contexto da crítica, o autor deixa pressentir que real é o mesmo que individual.

Por isso, acha fantasiosa a indumentária dos vagabundos; por isso condena que não se veja às escâncaras a mímica dos mesmos; por isso julga que os efeitos luminosos foram «o décor funerário de muito boas vontades artísticas!».

Ora, para nós, vendo primeiro o texto e depois o espectáculo, as figuras são reis, porque humanas, o que não quer dizer que sejam individuais!

O indivíduo, em noções claras de boa filosofia, é um ser localizado no tempo e no espaço, enquanto a pessoa é uma noção abstracta que tanto se pode realizar num indivíduo, como num símbolo, como num mito. Coisas bem distintas literàriamente!

Ora as cinco personagens (e nunca quatro!...) **não são individuais:**

1.º *— porque estão à beira dum caminho, numa terra que não é deles, etc., etc.*

2.º *— porque o tempo para eles não existe. As horas pararam: «está tudo sempre na mesma...»*

Que outras razões mais não houvesse (mas há, pois basta reparar na significativa escolha e troca de nomes!) para logo sermos obrigados a concluir que ... o escravo não é um escravo: ele é os escravos: que o «senhor» tirano não é um senhor tal: ele é os tiranos senhores. E como estes os outros.

*

É verdade que houve muitas sombras no fundo e pouca luz no proscénio; é verdade que talvez fosse pouco realista a indumentária dos vagabundos. Tudo isto é verdade! Mas verdade igualmente é que não basta ver a realidade teatral, pois é preciso auscultar-lhe a poesia, que é a alma dos seres e das coisas.

Concordamos que as figuras eram, e são humanas, mas, porque **universalmente** *humanas, não são, não podem ser,* **individualmente** *reais.*

Irreal, poética, misteriosa a encenação?

Mas por que não assim? E quando não se distrinça a tela, como apreciar a moldura?...

Mário da Rocha

AVEIRO, 13 DE OUTUBRO DE 1962
ANO NONO • NÚMERO 416 • AVENÇA